



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

PROGRAMAS DE SENSIBILIZAÇÃO DE VIOLÊNCIA NO NAMORO
IMPACTO NOS JOVENS

ANA FILIPA PEREIRA FERNANDES

Orientador de Dissertação:
PROF. DOUTOR ANTÓNIO PAZO PIRES

Coordenador de Seminário de Dissertação:
PROF. DOUTOR ANTÓNIO PAZO PIRES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRE EM PSICOCRIMINOLOGIA

Dissertação de Mestrado sob a orientação do Prof. Doutor António Augusto Pazo Pires, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicocriminologia conforme o Despacho da DGES, nº 29595/2008, publicado em Diário da Republica, 2ª série, nº 223, de 17 de Novembro de 2008.

AGRADECIMENTOS

Muitas foram as pessoas que me ajudaram ao longo do meu percurso académico, professores, família e amigos.

Antes de mais quero agradecer ao Prof. Doutor António Pazo Pires, pela disponibilidade, atenção e conhecimentos que partilhou comigo ao longo deste ano e sem as quais não tinha sido possível a realização deste trabalho.

Para o Prof. José Pereira da Silva, vai também o meu grande agradecimento, pela confiança que depositou em mim, disponibilidade e simpatia mas acima de tudo por todo o conhecimento que partilhou comigo ao longo destes dois anos de mestrado que me permitiram crescer pessoalmente e academicamente.

À minha mãe, ao meu pai e aos meus avós, sem os quais não era possível ter chegado onde cheguei.

Aos amigos e colegas que com muita paciência me foram dando forças e alegria.

E acima de tudo ao Ricardo, que é quem mais aguenta as minhas inseguranças. Obrigada, desde que entras-te na minha vida ajudas-me todos os dias a acreditar mais em mim.

Índice

Resumo	1
Abstract.....	3
Revisão de Literatura – Violência no Namoro	5
Introdução	5
Adolescência e Namoro	6
Violência e Namoro	7
Violência no namoro: enquadramento legal.....	9
Prevalência	10
Violência e Género	11
Factores de risco e Impacto na Vítima.....	13
Atitudes, Crenças e Prevenção da Violência no Namoro.....	14
Conclusão.....	18
Projecto de Investigação	21
Implementação de programas de sensibilização sobre violência no namoro, Impacto nos jovens.....	21
Resumo	23
Abstract.....	25
Introdução	27
Método.....	29
Referências.....	32
Anexo I – Artigo 152º do Código Penal Português	35
Anexo II - Tabela de estudos empíricos	37
Anexo III – Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN)	39
Anexo V - Questionário de dados sócio-demográficos.....	43
Anexo VI – Pedido de autorização às escolas.....	44
Anexo VII – Consentimento Informado	45

Resumo

A violência no namoro tem sido alvo de mais atenção nas últimas duas décadas, e rapidamente se percebeu que este é um problema tanto a nível social como psicológico. Esta revisão de literatura propõem-se a analisar a evolução desta temática ao longo dos tempos, tanto internacional como nacionalmente. Bem como descrever e reflectir sobre os vários factores por detrás deste tipo de violência, que está tipificada como crime e enquadrada na violência doméstica.

Através da revisão foi possível verificar que o facto de a violência no namoro ocorrer numa fase tão crítica como a adolescência pode moldar comportamentos para as relações futuras influenciando as crenças e atitudes face à perpetração e vitimização deste tipo de violência. Como principais factores de risco estão indicados na literatura a violência interparental, a violência entre os pares e também os baixos recursos socioeconómicos e demográficos. Apesar de haver pouca consistência no que diz respeito à prevalência, sabe-se que a violência nas relações íntimas dos jovens é bastante recorrente e provoca bastantes danos na vítima, a nível físico, social, emocional e sexual. Na violência no namoro existe pouca distinção no que toca ao papel do género, sendo referido que ambos os sexos reportam níveis de violência idênticos, diferenciando-se apenas no tipo de violência e no contexto em que é praticada.

Com tudo isto, a implementação de programas de sensibilização é bastante relevante no que toca a chamar à atenção dos mais novos, sendo que é na fase da adolescência que estes programas poderão ter mais impacto, porém a investigação sobre as suas vantagens é muito escassa.

Palavras – chave: violência no namoro, factores de risco, prevalência, prevenção

Abstract

The attention given to dating violence in teenagers has increased in the last two decades, leading investigators to realize that this matter involves both socially and psychologically aspects. The present literature review, analyzes the evolution of this issue over the years, both internationally and nationally, as well as it describes and reflects about the multiple factors behind this form of violence, typified as a crime in the frame of domestic violence.

The present literature review shows how dating violence in teenagers can shape some of their behaviours in future relationships by influencing their beliefs and attitudes. The literature reveals that the main risk factors are associated with interparental violence, violence among peers and socio-economic and demographic low resources. While there is some consistency in regard of prevalence, it is known that violence in intimate relationships between teenagers are very recurrent and causes physical, social, emotional and sexual damage to the victim. In dating violence it exists a slightly distinction regarding to gender roles, since both sexes reported identical level of violence, exclusively differing in the type of violence and the context in which it is practiced.

The implementation of awareness programs is highly relevant in order to attract teenager's attention, since the adolescence seemed to be the ideal stage for a positive impact in preventing latter violence. Nevertheless, research on its benefits is scarce.

Key-words: dating violence, risk factors, prevalence, prevention.

Revisão de Literatura – Violência no Namoro

Introdução

A história mostra que a violência, sob as mais variadas formas tem sido praticada desde os tempos mais longínquos e a violência entre pessoas que estão ligadas por laços afectivos não é, também, um fenómeno recente (Caridade & Machado, 2006).

Num primeiro momento a investigação da violência entre casais centrou-se quase exclusivamente na violência marital e só recentemente se verificou um alastramento da investigação à violência entre os sectores juvenis, mais precisamente a partir da década de 80 (Caridade & Machado, 2006; Caridade & Machado, 2010). Os estudos efectuados acerca desta problemática vieram evidenciar que se trata de um fenómeno com níveis preocupantes e que a violência pode também ocorrer na intimidade juvenil. As investigações têm sido realizadas com a população do ensino universitário, porém rapidamente se tem vindo a perceber que também afecta adolescentes mais jovens (e.g. ensino secundário), com o início da adolescência (Caridade & Machado, 2010; Straus, 2004 cit por Matos et al, 2006).

Apesar de a violência nas relações juvenis ir sendo progressivamente considerada um problema social relevante e merecedor de atenção (Callahan et al, 2003 cit por Matos et al, 2006), esta questão permanece ainda algo marginalizada nos discursos sociais e educativos e em comparação com a violência marital a vitimação de adolescentes e jovens na intimidade tem merecido menor atenção por parte da comunidade científica (Hickman, Jaycox e Aronoff, 2004).

A importância de compreender o fenómeno da violência no namoro prende-se, não só com a alarmante prevalência e com as consequências na saúde tanto física como mental (Callahanetal., 2003 cit por Ferreira 2011) mas também porque ocorre numa fase da vida onde os relacionamentos românticos se estão a iniciar e os padrões inter-relacionais estão a ser apreendidos, podendo estes passar para a fase adulta (Werkerle & Wolfe, 1999, cit por Ferreira 2011).

Através da revisão de literatura podem-se retirar alguns dados importantes que podem ser tidos em conta quando se fala da caracterização do fenómeno, bem como das estratégias de intervenção. A idade, os factores de risco e/ou protecção, a duração da relação, factores psicológicos (e.g. baixa auto-estima), violência intra-familiar, dificuldade em reconhecer uma condição de vítima e o consumo de droga ou álcool são alguns deles (Nascimento, 2011).

Em Portugal existem ainda poucos dados, porém, estes sugerem que a violência no namoro também é um problema social significativo. Os altos níveis de violência encontrados ao longo das investigações em conjuntos com os mitos culturais que a suportam, fazem da violência no namoro um tópico de interesse, tendo em conta que as vítimas raramente procuram ajuda (Caridade & Machado, 2010). O medo de serem culpabilizadas, que os adultos as pressionem para acabar com a relação, pensar que os outros não a irão ajudar, ou recear um castigo se o abuso tiver ocorrido durante comportamentos que são ilegais (e.g. consumo de drogas ou álcool) são motivos pelos quais receiam falar sobre o assunto (Black & Weiz, 2003 cit por Caridade & Machado, 2010).

O desenvolvimento de programas de prevenção da violência nas relações íntimas não tem sido acompanhado da mesma forma por estudos que ilustrem a sua eficácia. A literatura é particularmente escassa relativamente a estudos sobre o impacto desses programas de prevenção (Matos et al, 2006). A escolha deste tema prende-se com o facto de tanto a nível internacional como nacional ser ainda uma questão pouco desenvolvida, que necessita de mais investigação e uma implementação de acções de prevenção e sensibilização para esta questão, sendo importante primeiro compreender tudo o que está por detrás desta problemática tão actual. Para essa compreensão do fenómeno nos seus aspectos principais, procedeu-se a esta revisão de literatura.

Para este projecto a pesquisa foi efectuada recorrendo a bases de dados (EBSCO, Scielo) e outros recursos, limitando o intervalo temporal aos últimos 9 anos e com obrigatoriedade de “link” para texto completo. Nesta pesquisa foram utilizados os termos: “dating violence”; “teen dating violence”, “violência no namoro”, “consequências para as vítimas de violência no namoro”; “vítimas de violência no namoro”; “dating violence victims”, “dating violence - prevention program effectiveness”.

Adolescência e Namoro

A adolescência é um período de grandes e profundas alterações de natureza biológica, social, psicológica e afectiva, sendo a fase mais crucial do desenvolvimento humano (Fernandes, 1990; cit por Sêco, 1997 cit por Ferreira, 2011). Sendo também um período bastante importante de aprendizagem de competências sociais e relacionais

saudáveis. Durante esta fase, as relações românticas emergem no contexto social, dado que os grupos de pares começam a incluir elementos do sexo oposto (Connolly et al, 2000; Hickman et al., 2004 cit por Ferreira, 2011).

O jovem adulto encontra-se tipicamente numa fase de transição para a conquista da autonomia psicológica e emocional. Neste sentido, as relações íntimas que se desenvolvem neste período - de amizade ou namoro - estabelecem um laço que confere segurança emocional neste momento de distanciamento das relações parentais. Considera-se que a capacidade de construir e manter relações íntimas constitua um dos principais critérios de saúde mental e de satisfação interpessoal (Siqueira, 2001 cit por Bertoldo & Barbará, 2006).

Por outro lado, segundo Caridade e Machado (2011), a adolescência é também vista como uma “passagem perigosa”, de grande instabilidade emocional e caracterizada por significativas alterações desenvolvimentais, sendo que representa um período de maior vulnerabilidade para a ocorrência de abuso na intimidade. É também onde se começam a formar as identidades e começam a surgir as necessidades de envolvimento românticos. Segundo Wolfe e Feiring (2000, cit por Ferreira, 2011) é nesta altura da vida que se começam a formar as crenças e atitudes sobre os relacionamentos interpessoais e de abuso de poder e controlo. Atitudes e crenças que vão servir de base para o desenvolvimento de competências e padrões de comportamento. Sendo assim, o namoro na adolescência serve como exercício prático para os relacionamentos adultos (Ehlert, 2007 cit por Ferreira, 2011).

A adolescência é vista como uma etapa de aprendizagens e consolidação das mesmas. É também uma fase crítica, no que diz respeito à instabilidade e ao início da autonomia e independência em relação aos pais e onde existe uma maior vulnerabilidade para a ocorrência de violência no namoro. É nesta fase que se começam a formar as crenças e atitudes que vão ser o suporte das relações futuras.

Violência e Namoro

Os entendimentos do que é ou não violência têm variado em função de um complexo processo de construção das nossas sensibilidades e das diversas definições pelas quais o fenómeno vai passando (Pais, 1996, cit por Dias, 2004 cit por Ribeiro, 2008). Na definição da Organização Mundial de Saúde, considera-se a violência como o

uso intencional de força ou poder físico, real ou ameaça, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resultem ou tenham uma grande probabilidade de resultar em ferimentos, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação (Krug et al, 2002 cit por Ribeiro, 2008). Segundo Cortina (1998), tanto a violência física como a psicológica têm por objectivo forçar o outro a fazer aquilo que não deseja fazer de forma natural, sendo portanto uma forma de coação, sendo a violência física a mais primitiva de todas (Sastre & Moreno, 2004).

Violência no namoro é um termo usado para mencionar as três formas de comportamento violento, que podem ocorrer numa relação de namoro, sendo elas: emocional/ psicológica, física e sexual (Teten et al, 2009). A violência emocional / psicológica refere-se a uma agressão que pode conter intimidação verbal ou ameaças ou mesmo actos de violência físicos que podem causar um trauma emocional (Centers for disease control and prevention, cit por Teten et al, 2009). O abuso psicológico pode também incluir o isolamento do namorado(a) dos amigos e família, controlo, ciúmes, actos de domínio como retirar o poder de tomadas de decisão, “rebaixar” e “chamar nomes”, críticas, humilhações públicas e manipulação (e.g. ameaçar o suicídio, ignorar o parceiro, ameaçar acabar com a relação). Outra forma comum deste tipo de abuso refere-se a comportamentos que tendem a baixar a auto estima do parceiro bem como a sua independência (Offenhouer, 2011).

A agressão física consiste no uso intencional de força física com o potencial de magoar ou matar (Centers for disease control and prevention, cit por Teten et al, 2009). Segundo Foshee (cit por Offenhouer, 2011) a agressão física envolve arranhar, empurrar contra uma parede, dar estalos, sufocar, bater, morder, queimar, agredir com uma arma. Este tipo de agressão tem, evidentemente, vários níveis de gravidade, e na literatura é comum ser dividida entre “menos grave”, moderada e severa, baseada na probabilidade de provocar lesões (Offenhouer, 2011).

A violência sexual entre namorados pode incluir tentativa ou mesmo violação, assédio sexual (Teten et al, 2009), bem como outras formas de coerção sexual, incluindo a sabotagem de métodos anti-contraceptivos, pressão para ter relações ou ter mais relações que as desejadas. Segundo Offenhouer (2011), qualquer acto sexual pode ser classificado como abuso se for sem consentimento, doloroso, desprotegido ou realizado de uma forma humilhante. As investigações neste domínio têm vindo centrar-se no contexto universitário (e.g., Breitenbecher, 2000; Schwartz & DeKeseredy, 1997),

indicando que aproximadamente 50% das estudantes já experimentaram alguma forma de coerção sexual (Caridade & Machado, 2008).

Segundo Caridade & Machado (2010), a violência surge, muitas vezes, como a tentativa de controlo e domínio sobre a outra pessoa, através de actos físicos, assim como formas de domínio e controlo que garantem o sentido de onipotência do agressor através da violência psicológica e a violência sexual. Inicialmente, era conceptualizada unicamente como envolvendo a força física, porém, actualmente é amplamente reconhecida como um *continuum* de abuso, que vai desde o abuso verbal e emocional até à violação ou homicídio (Hickman et al., 2004).

Segundo a maioria dos estudos, as agressões ocorridas entre namorados são, quase sempre, actos “menos graves” de violência (e.g. bofetadas, insultos), porém podem também acontecer formas de abuso mais severas, quer no plano sexual, quer físico e emocional. A coerção, a intimidação e o isolamento são um conjunto de técnicas de controlo que Johnson (1995, cit por Caridade & Machado 2006) designou como “terrorismo patriarcal” e são também muito características na violência das relações afectivas dos jovens. Segundo Caridade e Machado (2006), a literatura referencia que a violência tende, igualmente, a aumentar em frequência e gravidade quando a relação se prolonga no tempo, vindo a ser um forte preditor da violência conjugal.

A definição de violência tem vindo a ser alterada ao longo dos tempos. Existem três formas pela qual a violência no namoro é exercida, sendo física, emocional ou sexualmente e surge como uma forma de controlar o outro. Na violência entre namorados é mais comumente usada a violência “menos grave” porém também ocorrem agressões bastante severas. A violência no namoro é também entendida como um forte preditor da violência conjugal.

Violência no namoro: enquadramento legal

A violência nas relações de intimidade, ou violência doméstica como é mais comumente designada, tem sido objecto de diversas políticas dirigidas à prevenção dessa violência, à sua criminalização e ao apoio às vítimas. Com efeito, se até há uns anos a maioria dos países tendia a negligenciar a existência deste problema, hoje pode-se afirmar que a criminalização da violência doméstica é uma prioridade, facilitando a intervenção do Estado e outros organismos nestas situações (Duarte, 2013).

Portugal criminaliza a violência exercida no seio da família, desde 1982. Esta foi uma aquisição essencial tendo em conta que durante milénios práticas violentas contra as mulheres no seio da família eram não apenas toleradas, como até encaradas como algo que escapava por completo à tutela do Direito e do Estado. Um longo caminho se percorreu desde 1982 até à última modificação nesta matéria. A reforma penal de 2007, aprovada pela Lei nº 59/2007, de 4 de Setembro, introduziu alterações significativas. Desde logo, procedeu-se à autonomização do tipo legal de crime intitulado violência doméstica, actualmente previsto e punido pelo artigo 152º do Código Penal (Duarte, 2013). O nosso enquadramento legal contempla também a violência no namoro como crime, segundo o artigo 152º (Almeida, 2012) (ANEXO 1).

Prevalência

Ao longo de toda a literatura sobre o tema, torna-se evidente que a violência no namoro é um problema abundante e que ocorre em qualquer meio, tanto a nível nacional como internacional e que tem taxas elevadas de ocorrência (Offenhouer, 2011). Porém, segundo Teten et al (2009), devem interpretar-se os dados dessas investigações com alguma cautela, pois existem variações nas estimativas da prevalência em diversos estudos.

O primeiro estudo efectuado nesta área realizou-se em 1981 por Makepeace, nos E.U.A. e os resultados foram tão reveladores de que este tipo de violência ocorria também nos jovens, que a partir de então o estudo deste fenómeno assumiu progressivamente um lugar de destaque na produção científica internacional sobre a violência íntima (Caridade & Machado, 2010).

Vários estudos multiculturais têm sido conduzidos por Straus (2002 cit por Caridade & Machado, 2010), e estes estudos têm comprovado que a violência na intimidade dos jovens é um problema á escala mundial. Porém, apesar da grande expansão dos estudos, a investigação tem produzido resultados extremamente variáveis e de difícil interpretação, sugerindo taxas de prevalência com valores que podem ir dos 12.1 % até aos 72.4%. Segundo Offenhouer (2011), algumas justificações para estes valores tão díspares, poderão ser o facto de a definição do conceito de violência no namoro ser diferente em alguns estudos (e.g. alguns estudos abrangem apenas a violência física, outros a emocional ou a sexual, e outros incluem os três tipos), bem como o facto de a população ser uma amostra de conveniência e não abranger uma

amostra representativa. Por outro lado Caridade e Machado (2010) acrescentam que os instrumentos utilizados também poderão ter influência, bem como o valor temporal utilizado. A variação de metodologia utilizada para fazer estas medições parece ser um factor relevante no que toca aos resultados obtidos (Teten et al, 2009).

Sendo assim, os indicadores de prevalência disponíveis alteram-se em função dos critérios adoptados em cada investigação, sendo necessária uma uniformização conceptual e metodológica que permita proceder a generalizações mais seguras, contudo, segundo Caridade e Machado (2010) é possível retirar algumas conclusões. Sendo elas que, a violência na intimidade não é um fenómeno exclusivo das relações maritais, e que é um fenómeno transversal às mais diversas culturas e grupos étnicos. Também é importante reter que tanto a prevalência como a severidade tende a aumentar com o tempo de duração da relação e com o aumento da idade (Offenhauer, 2011).

Em relação às diferentes formas de violência, a agressão psicológica parece ser mais elevada em todos os contextos culturais, sendo que a “violência menor” é aquela que atinge proporções mais elevadas entre os jovens, tendo em conta que também é possível experienciar formas de abuso mais severas (Caridade & Machado, 2010).

A prevalência da violência no namoro é um tema que apesar de bastante estudado evidencia uma certa discrepância em termos de resultados, esta discrepância ocorre devido a diversos factores, como o facto dos diferentes critérios utilizados nas diferentes investigações. Porém, apesar de existirem discórdias em relação à prevalência, sabe-se que esta violência é também exercida em relações de namoro e que é transversal às diversas culturas e meios sociais.

Violência e Género

A maioria da literatura aponta para que tanto os rapazes como as raparigas reportam o abuso igualmente. Porém, alguns estudos encontram diferentes taxas de perpetração por género, com as adolescentes do sexo feminino a exhibir uma maior prevalência de infligir abuso que os adolescentes do sexo masculino (Feiring et al, 2002; Champion et al., 2008 cit por Offenhauer, 2011).

Segundo Caridade e Machado (2006), as investigações realizadas nesta área vieram contradizer uma ideia de que o homem é o perpetrador e a mulher a vítima, sendo que a maioria dos estudos mostra que a violência entre os companheiros é

caracterizada por trocas mútuas de agressão. Ou seja, entre os adolescentes e/ou jovens adultos os padrões de violência parecem apresentar-se menos diferenciados em termos de género, apesar de não haver unanimidade em relação a esta teoria (Caridade & Machado, 2010).

Cerca de 50% dos estudos empíricos sustentam que o género feminino admite, mais frequentemente, o recurso ao abuso físico. Porém existem estudos, como o de Munoz-rivas et al (2007), que defendem que o género feminino perpetra formas de violência menos severas e sofre um tipo de abuso mais severo (Caridade & Machado, 2010). Segundo Sears, Byers, e Whelan (2006), os rapazes tendem a perpetrar violência física mais severa (e.g. com armas, murros) e mais violência sexual enquanto as raparigas podem cometer actos abusivos considerados mais ligeiros (e.g. arranhar, dar chapadas, mandar objectos) (Offenhauer, 2011). Uma pesquisa sobre o abuso psicológico mostra que os rapazes mais comumente usam a violência psicológica sozinha enquanto as raparigas usam a violência psicológica combinada com a violência física (Sears, Byers, and Price, 2007 cit por Offenhauer, 2011).

Segundo Hickman et al (2004), tanto os rapazes como as raparigas reportam a raiva como a razão primária que leva à violência, no entanto as raparigas reportam o uso da violência como auto-defesa, enquanto os rapazes admitem usar a violência como forma de exercer controlo sobre a parceira. Os rapazes também reportam mais a perpetração de violência sexual do que as raparigas (37% e 24%, respectivamente) e mais raparigas reportam a perpetração de violência física do que os rapazes (28% e 11% respectivamente).

Também é importante referir que as investigações levadas a cabo nesta área são alvos de inúmeras críticas, destacando o facto de estes estudos se limitarem a determinar o responsável pelo acto e não considerarem os contextos em que a violência é praticada (e.g. auto-defesa; retaliação), segundo Sanders (2002), os estudos que mostram níveis similares de violência entre homens e mulheres ignoram o facto de o género feminino agir, a maioria das vezes, em autodefesa (Caridade & Machado, 2010). Uma outra explicação para estes resultados aplica-se ao facto de se defender que os rapazes apresentam diferentes percepções sobre o que constitui violência, bem como evidenciam uma percepção distinta sobre o contexto que precede um acto violento (Wekerle & Wolfe, 1999 cit por Caridade & Machado, 2010).

As investigações no que diz respeito ao género são alvo de inúmeras críticas pois não consideram o contexto em que ocorrem as agressões. Os resultados apontam para

que as raparigas tendem a usar mais a violência física que os rapazes, porém os rapazes ao usarem a força física são mais severos bem como violência sexual. Por outro lado os rapazes tendem a usar a violência psicológica sozinha enquanto as raparigas tendem a usar a psicológica em conjunto com a física.

Factores de risco e Impacto na Vítima

A literatura tem examinado uma miríade de factores de risco, ou seja, factores associados ao aumento da probabilidade da ocorrência deste tipo de abuso. Os investigadores ressaltam que estes factores estão apenas correlacionados e não são necessariamente a causa. Entre os elementos mais referenciados na literatura está a presença de violência na família de origem (e.g., maus-tratos directos, vitimação vicariante). Alguns estudos registam a violência interparental como um preditor directo da violência no namoro (Carr; Vandeusen, 2002; Kaura; Allen, 2004 cit por Matos et al 2006), enquanto outros enfatizam o seu papel indirecto pelo impacto que tem nos jovens (e.g., McCloskey; Lichter, 2003 cit por Matos et al 2006). *“No essencial, tem sido sustentado que as crianças inseridas em contextos familiares violentos, para além da modelagem da violência, são igualmente expostas a um ambiente familiar isento de oportunidades de socialização adequada no sentido de promover formas de relacionamento saudáveis”* (Caridade & Machado, 2010 pg.33). Parece importante destacar o estudo de O’Keefe e colaboradores no qual se concluiu que mais de 50% dos adolescentes vítimas de abuso na intimidade tinham presenciado violência interparental (Caridade & Machado, 2010).

A par da violência na família está também a influencia dos pares, havendo mesmo quem sustente que os pares parecem ter uma influência mais significativa do que a das figuras parentais na modelagem das práticas violentas no namoro (Arriaga & Foshee, 2004 cit por Caridade & Machado, 2010).

Existem estudos que também encontraram a desvantagem socioeconómica e demográfica como um factor de risco (Offenhauer, 2011), sendo que o seu contributo para a predição do abuso íntimo não é consensual (Caridade & Machado, 2010). Alguns estudos (e.g. Lane & Gwartney-Gibbs, 1985) comprovam que os jovens que residem em zonas urbanas evidenciam indicadores mais elevados de violência do que os indivíduos inseridos em zonas menos urbanizadas. Tem também sido defendido que viver em

bairros com elevados níveis de pobreza, violência e desorganização social poderá potencializar o envolvimento dos jovens em relações amorosas violentas (e.g. Glasses et al., 2003 cit por Caridade & Machado 2010).

Os factores psicológicos são também uma variável documentada na bibliografia, a depressão, comportamentos suicidas e baixa auto-estima são alguns factores que podem potencializar a violência no namoro. Um estudo longitudinal desenvolvido por Roberts et al (2003) sustenta que os sintomas depressivos e os comportamentos suicidas poderão constituir quer precursores quer consequências da violência na intimidade. A investigação sobre a importância da auto-estima já não é tão clara e tem-se revelado bastante inconsistente. No estudo de Sharpe e Taylor (1999) uma baixa auto-estima surge correlacionada com a vitimação e perpetração de violência psicológica. Já no estudo de Stets (1991) a relação entre uma baixa auto-estima e violência psicológica verifica-se apenas para o género feminino (Caridade & Machado, 2010).

Tal como na violência marital, a violência no namoro pode traduzir-se num impacto significativo para a vítima, resultando em danos diversos, a curto e a longo prazo (e.g., disfunções do comportamento alimentar, stress pós-traumático, perturbações emocionais, comportamentos sexuais de risco). As raparigas reportam um dano mais severo como resultado do abuso na intimidade, taxas mais elevadas de vitimação sexual e, ainda, um recurso superior a estratégias de autodefesa face à violência, quando comparadas com os rapazes (Matos et al, 2006).

Os factores de risco não são por si só a causa da ocorrência de violência, porém podem aumentar a probabilidade de que esta ocorra. Na literatura estão referidas, como mais relevantes, a violência interparental, a influência dos pares, a desvantagem socioeconómica e demográfica, bem como algumas características psicológicas. Os impactos podem ser a vários níveis quer físico, psicológico ou sexual.

Atitudes, Crenças e Prevenção da Violência no Namoro

Black e Weiz (2003) fazem referência a alguns autores que alertam para o facto de ser precisamente na adolescência que se podem exacerbar as diferenças entre os papéis de género, que se pode consolidar a aceitação da violência como uma versão do amor ou como “aceitável” em certas circunstâncias e, ainda, como um período

especialmente propício à adesão a alguns mitos “perigosos” sobre as relações “românticas” (Matos et al, 2006).

A investigação tem vindo a demonstrar que frequentemente os intervenientes neste tipo de abuso – vítimas e ofensores – desvalorizam e/ ou minimizam este tipo de dinâmicas violentas (Ismail et al., 2007; Machado et al., 2003 cit por Caridade 2010). Muitos adolescentes, tendem também a culpabilizar as vítimas pelos incidentes abusivos (Lavoie et al., 2000 cit por Caridade 2010).

De um modo geral, os estudos demonstram que os adolescentes, evidenciam uma baixa concordância com o uso da violência nas relações amorosas (e.g. Caridade, 2009 cit por Caridade, 2010). Contudo outros estudos contrariam estes resultados, demonstrando que, embora seja em minoria, alguns jovens tendem a concordar com o uso de algum tipo de violência (e.g. Price et al., 1999 cit por Caridade, 2010) e outros interpretam a violência como um acto de amor (e.g. Glass et al, 2003 cit por Machado, 2010) sendo que as raparigas adolescentes parecem continuar a confundir ciúme com amor (Grishick, 1993 cit por Caridade e Machado, 2006).

Os estudos sobre a relação entre papéis de género e violência na intimidade dos jovens revelam que os estereótipos de género se encontram associados à violência íntima (e.g. Stets & Pirog-Good, 1989, cit por Machado 2010). Segundo Offenhauer (2011) muitos adolescentes têm crenças tradicionais sobre papéis de género masculino e feminino nas relações, sendo um factor de risco para o envolvimento de relações com violência.

O contexto familiar parece ter um papel crucial. Experimentar ou observar violência familiar durante a infância promove o desenvolvimento de atitudes legitimadoras da violência na adolescência. No estudo de Foshee et al (1999) as raparigas adolescentes que tinham testemunhado violência parental evidenciaram uma maior legitimação da agressão amorosa (Caridade, 2010).

Qualquer um dos factores referidos pode aumentar o risco de envolvimento numa relação abusiva. Sendo assim parece relevante que os programas de sensibilização/prevenção sejam levados às camadas mais jovens. Os vários estudos que têm sido realizados reforçam a ideia de que quanto mais precocemente se fizer a prevenção melhores resultados se obterão e estará também a evitar-se que futuros comportamentos desta natureza aconteçam (Almeida, 2012).

Segundo Matos (2006) os esforços preventivos ao nível da violência no namoro podem assumir diferentes dimensões: a) *prevenção primária*: trabalhar com os

indivíduos que não tiveram contacto com realidades violentas ou experiências de vitimação, procurando ajudá-los a manter essa condição; b) *prevenção secundária*: trabalhar especificamente com indivíduos em que existe o risco de se tornarem vítimas ou agressores na intimidade (e.g., adolescentes vítimas de violência parental; adolescentes expostos à violência interparental); c) *prevenção terciária*: trabalhar com indivíduos que já foram alvo de violência no namoro e que procuram ajuda para essa condição, de forma a reduzir esse impacto e a evitar uma nova vitimação e/ou trabalhar com indivíduos que perpetraram violência e que procuram, voluntária ou coercitivamente, interromper esse tipo de comportamentos.

Segundo Saavedra (2010), no que toca às consequências dos programas de prevenção, as diferentes avaliações efectuadas apontam, de um modo geral, para mudanças esperadas positivas (aumento do nível de conhecimento e diminuição de atitudes legitimadoras da violência). Os programas que apresentam mudanças comportamentais positivas mais prolongadas no tempo são os programas de maior duração, aliada à duração, a selecção dos conteúdos e as dinâmicas utilizadas (apresentação de vídeos, dinâmicas de role-play e discussões de grupo). Quase sempre subjacente está o propósito de informar e sensibilizar acerca da problemática, seleccionando elementos como as formas de violência, as suas causas, o seu impacto e os recursos disponíveis para apoiar a resolução deste tipo de situações; verifica-se também a preocupação em desafiar preconceitos ou estereótipos existentes e dotar os participantes de estratégias de protecção e competências de resolução de conflitos. (Saavedra, 2010).

No estudo de Matos et al (2006), verificou-se que antes da aplicação do programa os rapazes tinham uma atitude mais legitimadora da violência nas relações de namoro, e que após a aplicação do programa os resultados foram positivos, na medida em que foi evidente uma diminuição destas atitudes.

Na investigação de Foshee et al (2004), foi também comprovado o efeito positivo o programa surtiu entre os jovens, uma vez que após a análise feita durante 4 anos consecutivos após a aplicação do programa, os jovens reportavam menor violência física, sexual e emocional, tanto na perpetração como na vitimização. Porém os estudos têm tido resultados pouco evidentes, e apesar de algumas questões estarem ainda por responder o potencial impacto dos programas de prevenção primária nas escolas parece indiscutível. Também essencial é a avaliação da implementação de tais programas pela contribuição que poderá gerar para o refinamento destas acções (Matos et al, 2006).

É na adolescência que se pode começar a formar a ideia do que é aceitável numa relação. A violência que ocorre no namoro parece ser desvalorizada, tanto pela vítima como pelo agressor, pelo facto de confundirem ciúme com amor. Devido a isso, é importante que a sensibilização seja feita o mais precocemente possível, de forma a evitar comportamentos abusivos.

Conclusão

Ao longo da pesquisa realizada foi possível compreender que a violência que ocorre nos contextos de uma relação íntima, principalmente no namoro tem vindo a ter cada vez mais atenção por parte da comunidade científica. Porém são encontrados vários obstáculos à investigação nesta área, por se tratar de uma violência que é exercida entre jovens, muitas vezes menores e também pela própria definição do conceito, que não é consensual.

O facto de esta violência ocorrer na adolescência poderá afectar os jovens cronicamente, como visto nos estudos apresentados, em que as conclusões são bastante uniformes no que diz respeito às consequências que o impacto de uma vitimação nesta idade poderá trazer para as relações futuras desses jovens. Sendo um modelo de comportamento abusivo que podem assimilar e levar muitas vezes com que se alastre a outras relações no futuro, principalmente relações conjugais.

Existem alguns factores de risco associados a esta problemática, sendo o mais investigado, o que diz respeito à presença de violência na família de origem (Violência Interparental). Por outro lado também parece ser relevante a influência dos pais, bem como o nível socioeconómico e demográfico. No que respeita aos factores psicológicos, parece evidente que comportamentos suicidas, a depressão e a baixa auto-estima são também factores que podem potenciar o envolvimento nestas relações. São diversas as consequências para a vítima, apresentando-se em diversos planos: social, emocional e físico, tanto a curto como a longo prazo.

Apesar de a violência no namoro estar enquadrada na violência doméstica e ser considerado crime punível pela lei portuguesa, a prevalência deste tipo de violência é bastante elevada o que torna a situação bastante preocupante. Apesar de alguns estudos evidenciarem valores de prevalência baixos, o facto é que este problema existe e necessita de medidas de prevenção adequadas. Mais uma vez é na adolescência que se pode consolidar a aceitação da violência e também as crenças sobre a mesma. É portanto uma fase crítica para que se possa agir para que possa ser interiorizado o que é uma relação saudável e o uso de outras formas de resolver conflitos que não a violência.

Referências

- Almeida, E. (2012) programa breve de sensibilização / prevenção da violência no namoro. Faculdade de ciências Humanas e Sociais, Porto.
- Bertoldo, R. B. & Barbara, A. (2006) *Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens*. PsicoUSF, vol. 11, n.2, pp. 229 – 237. Consultado em 10 de Abril de 2013 através <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>
- Caridade, S. (2008) *Violência nas relações de intimidade: comportamentos e atitudes dos jovens*. (Tese de doutoramento em psicologia) Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia
- Caridade, S. & Machado, C. (2006) *Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração*. *Análise Psicológica*, no.1 (XXIV), 485-493
- Caridade, S. & Machado, C. (2010) Novas formas de vitimação criminal. *Violência na intimidade juvenil: Prevalência, factores de risco e Atitudes*. Psiquilibrios edições.
- Duarte, M. (2012) *Violência doméstica e sua criminalização em Portugal: Ostáculos à aplicação da lei*. *Sistema Penal & Violência*, Porto Alegre, 3, abr. 2012. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/9842/7583>. Acesso em: 17 de Abril de 2013)
- Ferreira, M. (2011) *A violência no namoro: Estudo exploratório de caracterização das reacções dos adolescentes face à violência*. (Tese de Mestrado em Psicologia) Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia
- Félix, D. (2012). *Crenças de Legitimação da violência de género e efeitos de campanhas de prevenção: um estudo exploratório*. (dissertação de mestrado) Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Foshee et al (2004). Assessing the long-term effects of the safe dates program and a booster adolescent dating violence victimization and perpetration. *American Journal of public health*, vol. 94, nº 4.
- Hickman, L.; Jaycox, L.; Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents, prevalence, gender distribuitin, and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence and Abuse*, Vol. 5, nº 2, pp. 123-142.

- Matos, M., Machado, C., Caridade, S. & Silva, M.J. (2006) *Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar*. Psicologia Teoria e Prática, vol.8, n.1, pp. 55-75.
- Saavedra, R. (2010). Prevenir antes de remediar: Prevenção da Violência nos Relacionamentos Íntimos Juvenis. Tese de Doutorado em Psicologia da Justiça, Universidade do Minho.
- Nascimento, F. (2009). Namoro e violência: um estudo sobre amor, namoro e violência entre jovens de grupos populares e camadas médias. (Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação) Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco
- Offenhouer, P. (2011). Teen dating violence: a literature review and annotated bibliography. Library of Congress – Federal Research Division
- Oliveira, M. S. & Sani, A. I. (2009). *Intergeracionalidade da violência nas relações de namoro*. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, pp.162-170.
- Ribeiro, M & Sani A. (2008) *Crenças de adolescentes sobre a violência interpessoal*. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Teten, A. et al (2009). Considerations for the definition, measurement, consequences, and prevention of dating violence victimization among adolescent girls. Journal of women's health, vol. 18, n 7, pp. 924-927

Projecto de Investigação

Implementação de programas de sensibilização sobre violência no namoro,
Impacto nos jovens

Resumo

Problema: A violência no namoro é um tema cada vez mais debatido em vários contextos, as próprias escolas estão já consciencializadas de que este tipo de violência ocorre com grande frequência entre os alunos e por isso mesmo têm a iniciativa de promover acções que possam alertar os jovens para este problema. Porém desconhece-se o efeito destas intervenções. Objectivo: conhecer o impacto das acções de sensibilização promovidas pela APAV, sobre as crenças e atitudes dos jovens em relação à violência no namoro. Método: A amostra obtida em escolas que propõem a acção, com turmas do 7º ao 12º ano de escolaridade de escolas publicas/privadas e ensino regular ou ensino técnico. Será aplicada a Escala de atitudes acerca da violência no namoro, bem como um pequeno questionário sócio-demográfico antes da acção (Pré-teste) e no final da acção (Pós-teste), de modo a verificar se ocorreu alguma mudança.

Palavras-chave: violência no namoro, programas de sensibilização, atitudes e crenças.

Abstract

Problem: Dating violence in teenagers is an increasingly discussed topic in several contexts. The schools are becoming aware of the high frequency in which this type of violence occurs, leading them to create alerting programs in order to prevent this problem. Objective: to know the impact of awareness programs promoted by APAV regarding the beliefs and attitudes of teenagers towards dating violence. Method: The sample would be guaranteed by the schools, either public or private and regular or technical, who would promote the programs on their 7^o to 12^o grade students. It would be administered a Scale of attitudes towards dating violence, as well as a short socio-demographic questionnaire before (pre-test) and after (post-test) the action, in order to verify any possible variations.

Keywords: dating violence, programs, attitudes and beliefs

Introdução

Violência no namoro é um termo usado para mencionar as três formas de comportamento violento, que podem ocorrer numa relação de namoro, sendo elas: emocional/ psicológica, física e sexual (Teten et al, 2009). A violência no namoro é um problema que tem vindo a ter cada vez mais atenção por parte das áreas que estudam este fenómeno, principalmente da psicologia. A violência no namoro enquanto crime torna-se também um tema que tem bastante relevo na área da psicocriminologia, como forma de compreender o que está por detrás das condutas desviantes do agressor bem como da vítima e das percepções de cada um sobre o problema.

É do conhecimento geral que a violência na intimidade não é um problema exclusivo das relações maritais, e é um fenómeno transversal às mais diversas culturas e grupos étnicos. E tanto a prevalência como a severidade tendem a aumentar com o tempo de duração da relação e com o aumento da idade. Ao longo de toda a literatura sobre este tema em comum existe a preocupação com a prevalência deste tipo de violência entre os jovens (Offenhouer, 2011).

Torna-se essencial compreender este fenómeno, não só pelas consequências que traz para a vítima, como também por ser um tipo de abuso que ocorre numa das fases mais delicadas do crescimento, a adolescência. Segundo Caridade & Machado (2010), a adolescência é caracterizada por significativas alterações desenvolvimentais, sendo que representa um período de maior vulnerabilidade para a ocorrência de abuso na intimidade (Caridade & Machado, 2010).

Actualmente, no que toca à prevenção o principal foco de atenção têm sido os adolescentes (Foshee & Reyes, 2009). Straus (2009) apresenta alguns argumentos para os esforços de prevenção primária serem dirigidos de forma idêntica para rapazes e raparigas, nomeadamente, a pertinência em focalizar a prevenção em formas de violência física menos graves ou menores, dado que são as mais frequentes e antecedentes de comportamentos mais graves, bem como a constatação que a maioria das situações de violência nos relacionamentos é mútua (Saavedra, 2010).

Segundo Saavedra (2010), no que toca às consequências dos programas de prevenção, as diferentes avaliações efectuadas apontam, de um modo geral, para mudanças esperadas positivas — nomeadamente, aumento do nível de conhecimento e diminuição de atitudes legitimadoras da violência — ao nível do pós-teste e do follow-up. Os programas que apresentam mudanças comportamentais positivas mais

prolongadas no tempo (e.g. diminuição de comportamentos de vitimação ou perpetração, aumento de estratégias de resolução de conflitos positivas ou diminuição de estratégias de resolução de conflitos negativas) são os programas de maior duração: o STAR, com sessões de 50 minutos durante três anos, o The Youth Relationships Project, composto por 18 sessões de duas horas e o The Fourth R, composto por 21 sessões de 75 minutos e implementado ao longo do ano lectivo. Aliada à duração, a selecção dos conteúdos — conteúdos informativos acerca do da violência doméstica ou no namoro, acerca das causas, desafio de mitos, desenvolvimento de competências (e.g. de comunicação, de resolução de conflitos) — e as dinâmicas utilizadas —apresentação de vídeos, dinâmicas de role-play e discussões de grupo (Saavedra, 2010).

No estudo de Matos et al (2006), verificou-se que antes da aplicação do programa os rapazes tinham uma atitude mais legitimadora da violência nas relações de namoro, e que após a aplicação do programa os resultados foram positivos, na medida em que foi evidente uma diminuição destas atitudes. Na investigação de Foshee et al (2004), foi evidente que o programa também surtiu efeito entre os jovens, uma vez que após a análise feita durante 4 anos consecutivos após a aplicação do programa, os jovens reportavam menor violência física, sexual e emocional, tanto ao nível da perpetração como na vitimização.

Quase sempre subjacente está o propósito de informar e sensibilizar acerca da problemática, seleccionando elementos como as formas de violência, as suas causas, o seu impacto e os recursos disponíveis para apoiar a resolução deste tipo de situações; verifica-se também a preocupação em desafiar preconceitos ou estereótipos existentes e dotar os participantes de estratégias de protecção e competências de resolução de conflitos. A maioria dos programas de prevenção desenvolvidos até ao momento neste domínio é implementada em contexto escolar, sobretudo em sala de aula, dirigidos a adolescentes em idade escolar (Saavedra, 2010). Apesar de existirem programas de prevenção acerca da violência no namoro com impacto nas atitudes e crenças é ainda desconhecido se essas mudanças são duradouras, tendo impacto no comportamento dos adolescentes quando eles atingem a idade adulta (Hickman et al, 2004).

Existem várias campanhas de sensibilização, inclusive através de associações de protecção às vítimas, como também pelos meios de comunicação social, que cada vez mais relatam situações reais. Com este projecto pretendo saber se estas campanhas de prevenção e acções de sensibilização têm algum impacto nos jovens que as visionam. O

meu interesse com este tema, prende-se com o meu estágio curricular que teve lugar na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, onde tive a oportunidade de realizar junto das escolas, várias acções de sensibilização sobre este tema.

Método

Amostra:

A amostra será constituída pelas escolas de Lisboa e arredores que costumam recorrer à APAV para a realização destas acções de sensibilização. Estas acções costumam ter como público-alvo os alunos entre o 7º e o 12º ano de escolaridade. São abrangidas as escolas públicas e privadas, com turmas entre os 20 e os 30 alunos, do ensino regular e também do ensino profissional.

O número da amostra será preferencialmente entre os 200 a 300 elementos, de ambos os sexos.

Instrumentos:

Irá ser utilizada uma escala (anexo 3) que permite averiguar quais as atitudes dos jovens face à violência inserida no contexto de uma relação íntima, bem como um pequeno questionário sobre os dados demográficos e socioeconómicos dos mesmos (anexo 4).

A EAVN - escala de atitudes acerca da violência no namoro (Saavedra, Machado, & Martins, 2008) - é uma adaptação da Attitudes Toward Dating Violence Scale, desenvolvida e validada em 1999, por Price, Byers e The Dating Violence Research Team. É um instrumento de auto-relato, com um total de 76 itens, organizados em três subescalas de atitudes face à violência masculina no namoro e três subescalas de atitudes face à violência feminina no namoro, medindo as atitudes dos sujeitos relativamente à violência psicológica, física e sexual nestas relações.

Procedimento:

As turmas são escolhidas pela escola que propõe a realização das acções.

Em seguida será também redigido um pedido a cada escola para que possa ter a autorização da própria (anexo 5) e caso a resposta seja positiva será enviado aos encarregados de educação dos alunos que forem menores de idade, através de um pedido de consentimento informado (anexo 6). A APAV será informada e aquando o

pedido da escola serão enviados os pedidos para a escola e também o consentimento informado.

A apresentação da acção de sensibilização e o respectivo preenchimento dos questionários será efectuada em aulas de 90 minutos, e haverá a necessidade de um retroprojector para a visualização do material.

Dado o início da sessão, será explicado o âmbito da intervenção, sendo distribuídos os questionários mencionados, tendo cerca de 10 minutos para responder. Será apresentada a acção que está programada para cerca de 45 minutos e irá proceder-se a um tempo para que os alunos possam expor as suas opiniões e dúvidas.

Por fim, será novamente entregue o EAVN, tendo novamente 10 minutos para o preencher.

Tabela 2 – Planeamento da acção

<i>Etapas</i>	<i>Objectivos</i>	<i>Estratégias</i>
<u>Pré-teste</u>	Avaliar as características sócio-demográficas. Avaliar as crenças e atitudes face à violência no namoro	Pequeno questionário sobre dados sócio-demográficos. EAVN
<u>Apresentação da acção</u>	Definir a violência no namoro. Sensibilizar para o fenómeno. Enumerar os vários tipos de abuso que poderão ocorrer. Compreender as consequências que advêm da vitimação. Dar a conhecer alguns factores de risco. A dificuldade em sair da relação abusiva e o porquê. Esclarecer sobre quem pode ajudar e o que fazer se conhecer alguém nessa situação	Exposição da apresentação em powerpoint, com o cuidado de deixar os alunos participar activamente. Promover o brainstorming e a discussão de casos. Visionamento de um pequeno vídeo sobre Violência no namoro Distribuição de panfletos com resumo do mais importante e contactos que poderão ajudar
<u>Pós-teste</u>	Avaliar as crenças e atitudes face à violência no namoro após a apresentação da acção.	EAVN

A última fase destina-se ao tratamento dos dados. Os dados recolhidos através dos questionários deverão ser organizados e de seguida recorrer ao programa SPSS, realizando as estatísticas descritivas para todos os alunos e procedendo a testes comparativos no que diz respeito à idade, ao sexo, ao grau sócio-económico e demográfico e também tendo em atenção variáveis muito importantes como o facto de existir violência interparental.

Algumas das limitações que este estudo poderá evidenciar diz respeito ao facto de o pós-teste ser feito logo após a aplicação da acção de sensibilização, podendo não dar tempo aos alunos de assimilar o que se passou durante o tempo da apresentação. Outra limitação poderá ser referente ao facto de não existir um grupo de controlo, no qual não seria apresentada a acção, sendo aplicado apenas a escala de crenças acerca da violência no namoro também por duas vezes, com um intervalo de tempo significativo. Porém, sendo difícil realizar um estudo longitudinal e devido às dificuldades de encontrar nas escolas um grupo de controlo irá proceder-se a este estudo, esperando assim que os resultados obtidos vão de encontro ao referido na literatura.

Referências

- Caridade, S. & Machado, C. (2010) Novas formas de vitimação criminal. Violência na intimidade juvenil: Prevalência, Factores de risco e Atitudes. Psiquilibrios edições.
- Foshee et al (2004). Assessing the long-term effects of the safe dates program and a booster adolescent dating violence victimization and perpetration. American Journal of public health, vol. 94, nº 4.
- Hickman, L.; Jaycox, L.; Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents, prevalence, gender distribuitin, and prevention program effectiveness. Trauma, Violence and Abuse, Vol. 5, nº 2, pp. 123-142.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S. & Silva, M.J. (2006) *Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar*. Psicologia Teoria e Prática, vol.8, n.1, pp. 55-75.
- Saavedra, R. (2010). Prevenir antes de remediar: Prevenção da Violência nos Relacionamentos íntimos Juvenis. Tese de Doutorado em Psicologia da Justiça, Universidade do Minho.
- Offenhouer, P. (2011). Teen dating violence: a literature review and annotated bibliography. Library of Congress – Federal Research Division
- Teten, A. et al (2009). Considerations for the definition, measurement, consequences, and prevention of dating violence victimization among adolescent girls. Journal of women'shealth, vol. 18, n 7, pp. 924-927

ANEXOS

Anexo I – Artigo 152º do Código Penal Português

1- *Quem, de modo reiterado, de descendente comum ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações de liberdade e ofensas sexuais: ao cônjuge ou ex-cônjuge; a pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação; a progenitor descendente comum em 1.º grau; a pessoa particularmente indefesa, em razão de idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite. É punido com pena de prisão de um a cinco anos, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.*

2- *No caso previsto no número anterior, se o agente praticar facto contra menor, na presença do menor, no domicílio da vítima é punido com pena de prisão de dois a cinco anos.*

3- *Se dos factos previstos no n.º 1 resultar:*

a) Ofensa à integridade física grave, o agente é punido com pena de prisão de dois a oito anos;

b) A morte, o agente é punido com pena de prisão de três a dez anos;

4- *Nos casos previstos nos números anteriores, podem ser aplicadas ao arguido as penas acessórias de proibição de contacto com a vítima e de proibição de uso e porte de armas, pelo período de seis meses a cinco anos, e de obrigação de frequência de programas específicos de prevenção da violência doméstica.*

5- *A pena acessória de proibição de contacto com a vítima pode incluir o afastamento da residência ou do local de trabalho desta e o seu cumprimento pode ser fiscalizado por meios técnicos de controlo à distância.*

6- *Quem for condenado por crime previsto neste artigo pode, atenta a concreta gravidade do facto e a sua conexão com a função exercida pelo*

agente, ser inibido do exercício do poder paternal, da tutela ou da curatela por um período de um a dez anos.

São ainda configurados como violação de bens jurídicos ligados à violência doméstica/namoro os crimes a baixo mencionados.

A injúria, a difamação, o homicídio qualificado, as ofensas à integridade física qualificada a ameaça, a coação, o sequestro e a violação.

Anexo II - Tabela de estudos empíricos

Autor; Data; Objectivos	Método	Resultados
<p>Almeida (2012) Projecto</p> <p><u>Objectivo do Programa:</u> Promover competências de resolução de conflitos; Consciencializar para as dinâmicas na violência no namoro; Desmistificar crenças e mitos; Promover comportamentos prosociais; Promover a denúncia do problema.</p> <p><u>Principal Objectivo do Estudo:</u> Avaliar o impacto do programa nas atitudes dos jovens.</p>	<p>Amostra escolhida por conveniência, constituída por alunos do 7º ao 12º ano de uma escola em Estarreja.</p> <p>Aplicação do programa a apenas a uma turma de cada ano, deixando a outra como grupo de controlo.</p> <p>Aplicação da EVCV e do IVC antes e depois da aplicação do programa. (pré-teste e pós teste).</p>	<p>No Pré-teste: Serão de esperar resultados que vão de acordo com a literatura, em que os jovens possuem ideias errados e mitos em relação acerca do tema. É esperado que os alunos na maioria não apontem a violência como forma de resolução de conflitos.</p> <p>É de esperar que o abuso emocional seja mais referenciado.</p> <p>No pós-teste: É possível que o género feminino apresente mais mudanças.</p> <p>Espera-se que todos os tipos de abuso diminuam.</p>
<p>Matos et al (2006)</p> <p><u>Objetivo das acções:</u> promover a aquisição de conhecimentos gerais acerca do fenómeno; consciencializar os alunos para a dimensão do problema na nossa sociedade; capacitar os jovens para o reconhecimento de situações íntimas abusivas; identificar e produzir mudanças ao nível das crenças socioculturais que sustentam a violência nas relações íntimas; dotar os jovens de competências genéricas para gerir uma situação de violência no namoro; informar os jovens acerca dos recursos existentes na</p>	<p>Dois ensaios exploratórios: o ensaio 1 foi conduzido durante o ano lectivo de 2000/2001 na Escola Secundária das Laranjeiras, na cidade de Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel, nos Açores; o ensaio 2 foi desenvolvido durante o ano lectivo de 2002/2003, no Norte de Portugal Continental, na Escola Secundária de Vila Verde, no distrito de Braga.</p> <p>Turmas entre 20 e 30 alunos, que frequentavam o 9º, o 10º ou o 11º, total de 250 alunos.</p> <p>Apresentação do Pré-teste, Apresentação do programa, Pós teste (2 a 6 dias após a intervenção).</p>	<p>Em ambos os ensaios, os sujeitos apresentaram um baixo nível de concordância com as crenças legitimadoras da violência.</p> <p>No ensaio 1, verificou-se que os elementos do sexo masculino eram mais legitimadores dos actos de violência na intimidade. Porém houve uma diminuição das médias do pré-teste para o pós-teste e deste para o <i>follow-up</i> em ambos os sexos, o que significa que a acção de sensibilização foi eficaz para ambos.</p> <p>No ensaio 2 verificou-se que os sujeitos do sexo masculino eram mais legitimadores da violência do que os do sexo feminino, obtendo-se resultados altamente significativos para estas diferenças de género quer no pré-teste quer no pós-teste.</p>

<p>comunidade para atender esta problemática.</p> <p><u>Pré-teste:</u> Avaliar o nível socioeconômico da amostra. Avaliar o grau de concordância dos sujeitos em relação a algumas crenças que sustentam os maus tratos.</p> <p><u>Pós-teste:</u> Avaliar o grau de concordância dos sujeitos da amostra em relação a algumas crenças que sustentam os maus tratos na sociedade e medir eventuais mudanças significativas face ao pré-teste.</p>	<p>Follow-up (2 meses após a intervenção) para avaliar a manutenção dos efeitos registrados após a intervenção.</p>	<p>Os sujeitos pertencentes à faixa etária mais velha eram mais legitimadores da violência do que os sujeitos mais jovens. Em ambos os ensaios houve mudanças significativas entre o pré e o pós-teste.</p>
<p>Foshee et al (2004)</p> <p>Perceber os efeitos do programa sobre relações seguras, durante os 4 anos após a intervenção.</p>	<p>10 Escolas escolhidas aleatoriamente, para ser apresentado um programa sobre “relações seguras”.</p> <p>Follow-up passado um mês e depois anualmente durante 4 anos.</p> <p>Durante o 2º e o 3º ano, metade da amostra recebeu um “intensificador” do programa.</p>	<p>Os adolescentes que receberam o programa, quando comparados com o grupo de controle, reportaram menor violência física, sexual e emocional, tanto na perpetração como na vitimização.</p> <p>Concluindo que o programa fez efeito sobre os jovens. Porém o intensificador não teve resultados significativos.</p>

Anexo III – Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN)

Escala de atitudes acerca da violência no namoro (E.A.V.N.)

(Autores: Price, Byers, & *The Dating Violence Research Team*, 1999;

Tradução Portuguesa: Saavedra, Machado, & Martins, 2008)

Versão para Investigação

INSTRUÇÕES

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Obrigado pela tua colaboração!

Por favor, lê atentamente cada afirmação e responde de acordo com as seguintes opções:

Discordo Totalmente

Discordo

Não concordo nem discordo

Concordo

Concordo totalmente

Parte A

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Um rapaz não deve insultar a namorada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Um rapaz não precisa de saber tudo o que a namorada faz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz pode dizer mal da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. É importante que uma rapariga se vista sempre da forma que o namorado quer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte B

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga deve acabar o namoro se o namorado lhe bater.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Não é correcto um rapaz bater na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele bate na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Normalmente um rapaz não bate na namorada a não ser que esta mereça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz pode bater na namorada se ela merecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte C

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Os rapazes não são donos do corpo das namoradas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Os rapazes nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Um rapaz pode forçar a namorada a beijá-lo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Às vezes os rapazes têm de ser brutos com as namoradas para as excitarem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Para provar o seu amor uma rapariga deve ter relações sexuais com o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Uma rapariga que entra no quarto de um rapaz está a concordar ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz não tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte D

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados como se devem vestir.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Um rapaz deve fazer sempre o que a namorada lhe diz para fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a namorada quer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Uma rapariga pode dizer mal do namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Por vezes as raparigas têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Uma rapariga não deve controlar o que o namorado veste.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte E

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não tem mal se uma rapariga empurrar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Por vezes, as raparigas não conseguem evitar dar murros nos namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Por vezes, uma rapariga tem de bater no namorado para ele a respeitar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Normalmente uma rapariga só bate no namorado quando ele merece.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Uma rapariga não deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha feito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Não existe nenhuma razão para um rapaz levar uma bofetada da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Puxar o cabelo é uma boa forma de uma rapariga se vingar do namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Nunca está correcto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Algumas raparigas têm que bater nos namorados para serem ouvidas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz deve terminar o namoro com uma rapariga se esta o esbofetear.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte F

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga não deve tocar no namorado a não ser que ele queira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não tem nada de mal um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Um rapaz deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Uma rapariga só deve tocar o namorado nos sítios onde ele quer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga está a concordar em ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Não tem nada de mal uma rapariga forçar o namorado a beijá-la.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. As raparigas nunca devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Mesmo se um rapaz tiver dito "sim" sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga não tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. As raparigas nunca devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Para provar o seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo V - Questionário de dados sócio-demográficos

Outras informações				
Género: Masculino <input type="checkbox"/>	Feminino <input type="checkbox"/>			
Idade: _____				
Nível de Escolaridade: _____				
Se frequenta a Faculdade indique o Curso: _____				
Estatuto económico:				
Baixo <input type="checkbox"/>	Médio-Baixo <input type="checkbox"/>	Médio <input type="checkbox"/>	Médio-alto <input type="checkbox"/>	Alto <input type="checkbox"/>
Situação amorosa actual:				
Nunca manteve uma relação amorosa <input type="checkbox"/>		Não mantém uma relação amorosa		
actualmente <input type="checkbox"/>		Mantém uma relação amorosa com ligação afectiva <input type="checkbox"/>		
Mantém uma relação amorosa sem ligação afectiva <input type="checkbox"/>				
Já foi vítima de violência no namoro? Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>		
Existe ou existiu historial de violência conjugal na sua família? Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>		

Anexo VI – Pedido de autorização às escolas

Exmo. Sr. (a) Director (a)

O meu nome é Ana Filipa Fernandes, sou aluna do mestrado em psicocriminologia do ISPA, em Lisboa e encontro-me a realizar um estágio curricular na APAV. Como trabalho de conclusão de mestrado irei realizar também uma tese para a qual gostaria de poder contar com a vossa colaboração.

Como contactaram a APAV para a realização da acção de sensibilização sobre violência no namoro e o meu trabalho é também ele referente a essa temática gostaria de proceder a uma avaliação antes e depois da mesma, mediante a administração de dois instrumentos: a escala de atitudes acerca da violência no namoro e um pequeno questionário sócio-demográfico.

Assim, gostaria de solicitar a sua colaboração e autorização para realizar o estudo referido.

Serão assegurados o anonimato e a confidencialidade dos resultados obtidos.

Mostro-me disponível para prestar todos os esclarecimentos que entender necessários, e para tal deixo os meus contactos (...).

A Aluna,

Anexo VII – Consentimento Informado

Eu, _____, encarregado de educação do aluno _____, autorizo a participação deste, no estudo intitulado de “PROGRAMAS DE SENSIBILIZAÇÃO DE VIOLÊNCIA NO NAMORO - IMPACTO NOS JOVENS”.

Este estudo será realizado no âmbito da tese de mestrado, para conclusão do mestrado em Psicocriminologia.

Declaro ter sido informado e estar ciente dos propósitos e termos em que decorrerá o presente estudo, do seu carácter voluntário, dos limites da confidencialidade e das demais questões, tendo-me sido prestados todos os esclarecimentos que solicitei.

Lisboa, ____ de _____ de _____

O encarregado de educação
